

**PERCEPÇÕES DO ESPAÇO URBANO:
 ANÁLISE SEMIÓTICA DE NARRATIVA DE CORREDORES DE
 RUA DE UMA CIDADE DO TOCANTINS**

**PERCEPTIONS OF URBAN SPACE:
 SEMIOTIC ANALYSIS OF NARRATIVE OF STREET CORRIDORS
 OF A CITY OF TOCANTINS**

Aloísio Orione Bruno¹
 Tania Regina Martins Machado²
 Luiza Helena Oliveira da Silva³
 Elias da Silva⁴

Resumo: Neste texto de natureza interdisciplinar analisamos como a cidade de Araguaína, situada na região norte do Tocantins, é utilizada/praticada durante uma manhã de domingo. Como *corpus* dessa análise tomamos uma narrativa de um membro do grupo de corredores da cidade, *Futuros atletas*. O percurso da corrida passa pelas vias centrais da cidade e, durante a narrativa, diferentes sujeitos atuam para a construção de sentidos para o percurso e para a cidade. Para a interpretação dos efeitos de sentido gerados a partir de tais interações dos sujeitos *actantes*, empregamos os pressupostos teóricos advindos da sociosemiótica e da semiótica do espaço.

Palavras-chave: semiótica do espaço; interações na cidade; Araguaína.

Abstract: In this text we analyze how the city of Araguaína, located in the northern region of Tocantins, is used/practiced during a Sunday morning. As a corpus of this analysis we choose a narrative from a member of the city's runners group, Future Athletes. The route of the race passes through the central routes of the city and, during the narrative, different subjects act for the construction of directions for the route and for the city. For the interpretation of the effects of sense generated from such interactions of the actant subjects, we use the theoretical presuppositions derived from the sociosemiotic and the semiotics of space.

Keywords: space semiotics; interactions in the city; Araguaína; narrative.

Introdução

Todas as nossas experiências sociais, intelectuais e sensíveis estão ligadas ao espaço tomado como ancoragem do sujeito no mundo, como suporte para o conhecimento

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins (PPGCult/UFT), integrante do grupo de corredores de Araguaína, *Futuros atletas*. E-mail: aorione@uft.edu.br

² Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins (PPGL/UFT). E-mail: tania-mm@hotmail.com

³ Pós-doutora em sociosemiótica, doutora em Letras, docente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult), do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) e do Mestrado em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: luiza.to@uft.edu.br

⁴ Doutor em Geografia, docente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins (PPGCult/UFT). E-mail: esilvageo@uft.edu.br

e para a experiência. É nele que se dão ainda as interações com o Outro, a partir do qual nos constituímos e construímos sentidos para nós mesmos e para o mundo. Mas também os espaços em que habitamos ou atravessamos podem ser compreendidos na perspectiva de uma alteridade. De acordo com Landowski (2012), assim como o tempo, o espaço nos interessa como objeto semiótico pois “faz sentido” e, por isso mesmo, podemos pensar em distintos modos de fazê-lo significar, na tensão entre usos de ordem mais pragmática e dessensibilizados pela rotina – a ponto de podermos pensar no lugar como “não-lugar” (AUGÉ, 2005)⁵ – a práticas mais sensíveis ligadas ao prazer estético e encontro estésico (GENINASCA, 2004).

Sob essa perspectiva, a semiótica que se dedica aos estudos do espaço (Cf. LANDOWSKI, 2015, HAMMAD, 2016; MARRONE, 2015, SILVA e SILVA, 2017, entre outros) procura contribuir para o entendimento dos efeitos de sentido produzidos pelas relações sensíveis e inteligíveis que produzimos com o espaço. Tais estudos interessam a todos que buscam refletir sobre a significação dos fenômenos espaciais ligados, entre outras áreas, à arquitetura, à geografia, ao urbanismo, à comunicação, ao *design*, às artes plásticas, à cibercultura, à performance, à televisão, ao cinema, à literatura e ao marketing.

Um fator que tem a atenção dos estudiosos do sentido é o desenvolvimento das tecnologias, na medida em que interferem diretamente na vida e nas relações sociais. Sobretudo, o século XXI tem se caracterizado pela cultura da instantaneidade graças ao desenvolvimento das tecnologias digitais, que favorece ao sujeito interagir simultaneamente com sujeitos em distintos lugares do planeta. As práticas sociais que daí emergem obedecem, assim, a um ritmo quase que instantâneo e aparentemente num espaço de natureza inefável, não físico, atualizado no aqui-agora da enunciação. A despeito dessa aparência, adverte Landowski:

[...] a tecnologia das interconexões digitais parece, ao contrário, capaz de colocar em relação um extremo do planeta com o outro, prescindindo de todo suporte equivalente. Simples aparência! Pois embora a nós, seus utilizadores, não pareça mais que uma *rede de relações virtuais* que somos livres de atualizar segundo nossa fantasia, tecnicamente, essa Rede não funciona a não ser mediante a cobertura do globo por um novelo inextricável de fios estendidos através dos continentes e até no fundo dos oceanos, verdadeira *tela*

⁵ O não-lugar registra a experiência de uma não-presença, de uma relação de não-conjunção com a espacialidade, como se os sujeitos que passam por um dado lugar não se permitissem qualquer forma de relação sensível e jamais tivessem efetivamente por ali efetivamente transitado. Para Augé, o não-lugar opõe-se à experiência do lar, da nação, de uma familiaridade e de uma identidade estabelecida com um dado lugar: “O que é significativo na experiência do não-lugar é a sua força de atração, inversamente proporcional à atração territorial, ao peso do lugar e da tradição” (AUGÉ, 2005, p. 108).

de conexões físicas. (LANDOWSKI, 2015, p. 15)

Landowski denominada esse espaço como “espaço-rede”, aproveitando-se da denominação de Rede atribuída à Internet. Como consequência de um modo particular desse modo interação com o espaço, tem como uma de suas características não permitir a ancoragem do sujeito lugar algum, a ponto de o autor questionar se, por vivermos imersos no digital, ainda possamos pensar que vivemos na Terra (LANDOWSKI, 2015).

No caso de nosso trabalho, interessa-nos pensar sujeitos ancorados no mundo, constituindo-se como um grupo que tem sua identidade construída pela partilha de uma prática esportiva que consiste em correr aos domingos por ruas de Araguaína, cidade de médio porte da Região Norte, no norte do Tocantins, e que realizam a prática esportiva como atletas amadores aos domingos, convencionado como dia de descanso semanal.

Nesta análise buscamos interpretar os sentidos que um dos sujeito atribui ao lugar específico, o centro urbano de Araguaína - TO, em um dia específico, domingo não especificado, em um dado momento, o período da manhã. Para tanto, na realização desta análise, utilizaremos os pressupostos da semiótica do espaço e da sociossemiótica, considerando como os sujeitos enunciam sua relação com a cidade.

O *corpus* é constituído por uma narrativa, espécie de diário de campo produzido regularmente por um dos corredores do grupo *Futuros atletas*. Por questões de natureza ética, a autoria não é aqui identificada. Conforme nos informa esse relator do percurso, a produção desses relatos corresponde a uma necessidade pessoal de registro, considerando que o percurso nunca é o mesmo e que haveria diferentes percepções da cidade a cada trajeto. Ao mesmo tempo, o relator nos informa que se distingue dos relatos partilhados pelos corredores logo após o desfecho da corrida. Nesses relatos partilhados, os corredores privilegiam os desafios impostos ao corpo, as dores sentidas, sem atenções para o entorno, a cidade mesma. Essa partilha serve para fortalecer o grupo, cuja nomeação aponta para um devir, como promessa de premiação pelos presentes esforços: “futuros atletas”.

1 Contribuições da sociossemiótica e da semiótica do espaço

A semiótica de linha francesa, que subsidia este trabalho, se constitui como um teoria da significação, o que a leva a considerar os diversos objetos que entram no campo de presença do sujeito ao mesmo tempo cognoscente e sensível, quer se trate de objetos da cultura, como textos ou livros, quer se trate de outros sujeitos ou do mundo natural. Uma de suas correntes se denomina como sociossemiótica, que tem sua maior expressão

nos trabalhos de Eric Landowski. Conforme esse teórico, inicialmente essa “etiqueta” correspondia aos estudos que se faziam em torno de “práticas da cotidianidade”, elegendo objetos sociais de campos diversos, fossem das áreas da política, da mídia ou do direito. Atualmente, caracteriza-se pelos estudos que privilegiam a problemática do sentido sob a perspectiva da interação:

[...] a sociossemiótica não pode mais ser definida pelo caráter «social» dos objetos que ela estuda. De fato, seu objeto é o sentido enquanto tal, e o papel que ela assume é construir a *teoria geral* desse objeto. Deixando de constituir uma « aplicação » da disciplina a um campo particular, ela se apresenta — do mesmo modo que a sua concorrente (e cúmplice), a «semiótica tensiva» — como uma das formas atuais da semiótica geral. O que faz a sua especificidade é uma opção teórica da qual ela não tem o monopólio, mas da qual ela procura extrair todas as consequências, a saber a ideia de uma relação necessária, constitutiva, ligando sentido e *interação*. (LANDOWSKI, 2014, p.11)

Considerando, assim, interações do sujeito com o espaço, pensado em termos de alteridade, teríamos quatro regimes de interação: programação, manipulação, ajustamento e assentimento, correspondendo respectivamente às isotopias espaciais do “tecido”, da “rede”, da “voluta” e do “abismo”. Do tecido ao abismo, temos a gradação que se dá entre a maior continuidade e a descontinuidade quanto à percepção do espaço.

Pelo excesso de continuidade previsto no espaço do tecido, o sujeito não consegue recortar para fazer significar, sendo o todo um complexo indiferenciado, indiferente para o que percebe. Um exemplo teríamos nas grandes autopistas, quando a paisagem se apresenta ao sujeito motorista ou passageiro como um mais do mesmo a cada instante. É o efeito que se pode ter atravessando aceleradamente as grandes dimensões do cerrado. Também podemos pensar no sujeito indiferente a sua cidade, vendo-a apenas como um contínuo de edificações.

No espaço da rede, observam-se as dependências, as relações entre partes reconhecíveis, o modo como se articulam os elementos em relação/negociação/transação de objetos e valores. Um olhar mais pragmático categoriza e também sanciona/avalia o que percebe: esse “espaço da circulação dos valores”, dado pela lógica da manipulação e relações contratuais e polêmicas entre sujeitos (LANDOWSKI, 2014; 2015).

No espaço voluta, temos a circunscrição espacial que dá vazão a uma maior sensibilidade e também maior sensualidade, dada pela própria sinuosidade da sua constituição de acordo com a metáfora ou os exemplos acolhidos por Landowski (2015): a concha do mar, a voluta das edificações gregas, o desenho de andorinhas no céu ou da batuta do maestro, a fumaça que emana do cachimbo ou do cigarro. Seria o caso de uma

edificação que se sobressaísse por sua configuração peculiar no espaço quase indiferenciado da cidade, como aquele que emerge dos movimentos circulares dos caminhantes no parque Cimba, de Araguaína.

Por fim, no espaço abismo a descontinuidade é absoluta e o sujeito tem diante de si senão a vertigem, o fracasso da razão explicativa, o deslumbramento ou o desespero pelo inexplicável de uma dada composição. Um possível exemplo seria a sensação que advém ao pensarmos nossa posição num universo em princípio infinito, sob uma configuração que escapa à consciência e qualquer possibilidade de circunscrição. É talvez essa sensação que leva o poeta Carlos Drummond de Andrade a escrever: “O que pode o ser sozinho, em rotação universal, senão rodar também e amar?”

Para melhor explicitarmos essas relações, valemo-nos do esquema a seguir:

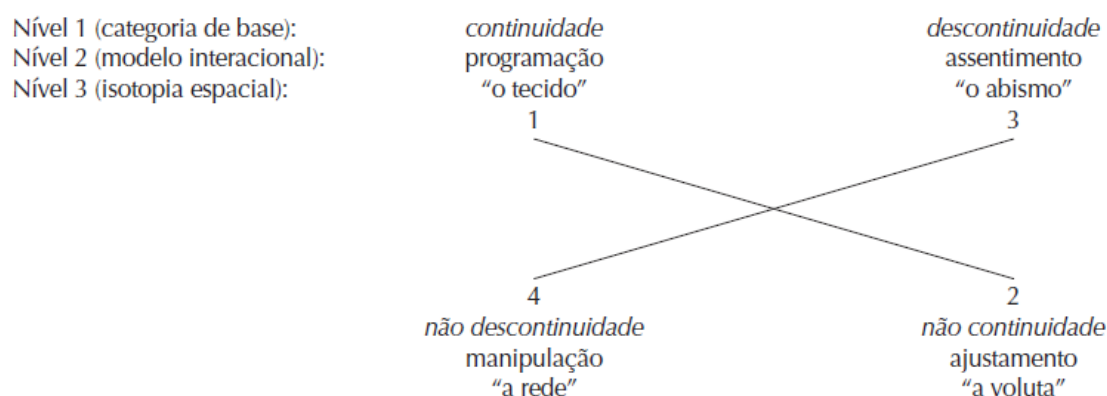


Fig. 1 Regimes de Espaço (LANDOWSKI, 2015, p. 13)

Para podermos realizar uma análise do espaço urbano na cidade de Araguaína, circunscrevemos a zona a ser estudada. Segundo Marrone (2015, p. 28), “A cidade é feita de espaços, corpos, tecnologias”, sendo os sentidos construídos pelos sujeitos a partir das múltiplas relações que estabelecem com os lugares:

Entre os estudiosos de espaços urbanos já é convenção difundida que a cidade não é exaurida na diferenciação de seus espaços (ruas, praças, jardins, rios e praias, terrenos vagos...) e na articulação das coisas que a preenchem (edifícios, igrejas e monumentos, sinalética, propagandas, luzes, serviços diversos). Insiste-se no fato que na construção de uma cidade – de qualquer dimensão e complexidade, densidade ou rarefação – são acima de tudo os cidadãos, sejam eles sedentários ou não, residentes ou de passagem, a trabalho ou turistas, que vivem os lugares urbanos, atravessam-nos de acordo com percursos variavelmente estabilizados, valorizando, desvalorizando e revalorizando continuamente estes lugares (MARRONE, 2015, p. 28-29).

Nosso objeto de análise consta de uma narrativa de um dos grupos que utilizam o espaço urbano araguainense. A partir dela se desenvolve um olhar particular sobre as principais ruas da cidade, principalmente do centro comercial e das ruas com maior circulação de veículos a partir de um percurso previamente dado.

O evento narrado diz respeito a um *longão*, nome dado a uma corrida mensalmente praticada pelo grupo *Futuros atletas* que praticam atividade física aos domingos, dia em que a circulação dos veículos é restrita, proporcionando maior segurança aos corredores. A coordenação do grupo de corredores atua como um destinador-manipulador, definindo o dia, o local e o horário da prática para garantir um maior controle sobre todos os sujeitos envolvidos, bem como responde pelas condições de segurança do grupo. Em termos semióticos, o destinador corresponde a um papel actancial que pressupõe um destinatário, estabelecendo-se uma hierarquia entre sujeitos. Assim, o destinador é o responsável pelo fazer-fazer do destinatário que, mediante o aceite da relação, um “acordo fiduciário”, empreende ações, deixando-se manipular (convencer, seduzir etc.) pelo destinador (GREIMAS e COURTÉS, 2008). O local em que se dará a concentração, horário de saída e o percurso da corrida são previamente delimitados. Para se evitar que algum corredor se perca pelo trajeto ou sofra algum incidente, todo o caminho é *controlado*, isto é, há uma programação prévia, sendo definido um percurso para a prática esportiva com a devida segurança e duração exequível diante do preparo dos corredores. Essa programação representaria o sistema, atualizado pela experiência particular da corrida mesma, a partir do ser do sujeito na relação irrepetível do aqui-agora da corrida mesma, a “performance”.

Para delimitar o período específico, a performance do correr se dá no horário compreendido entre 6h e 8h da manhã. Assim, a visão da cidade parte da observação realizada por um grupo de corredores de rua, pessoas que frequentemente percorrem, a pé, entre 10 (dez) e 20 (vinte) km das principais ruas da cidade. Tais *actantes* têm a oportunidade de acompanhar de perto a utilização dos espaços urbanos públicos e privados, sem interferir em qualquer que seja a situação encontrada. É a aceleração que marca sua passagem, apresentando-se a cidade a partir da multiplicidade de objetos.

A partir das práticas desenvolvidas pelos *actantes* identificados ao longo da narrativa do *longão* e pela forma como ocupam os diferentes espaços da cidade nesse momento, analisamos a relação entre o repouso semanal e o trabalho, considerando a determinação da sociedade cristã ocidental, em que todos devem trabalhar durante a semana e descansar no domingo.

Diferente dessa cultura predominante nas cidades brasileiras, nas sociedades judaicas esse descanso é realizado aos sábados, já para os muçulmanos o dia sagrado, em que ninguém trabalha, se dá às sextas-feiras. Em Araguaína, cidade com grande maioria da população cristã, o domingo é o dia sagrado, comumente reservado para ir à igreja, para ficar com a família ou para não realizar nenhuma atividade laboral.

No entanto, na sociedade capitalista do mundo ocidental, na qual estamos inseridos, o domingo não é só um dia da semana em que a grande maioria das pessoas pode, livremente, escolher como aproveitá-lo. Considerando questões sociais e econômicas, assim como a urgência trazida pelas novas tecnologias e as novas modos de interação, neste dia, muitas pessoas precisam cumprir suas obrigações trabalhistas, como os profissionais do pronto-atendimento em saúde, por exemplo. Assim, a seguir tratamos da utilização do referido espaço pelo grupo de corredores durante a narrativa do *longão* e os sentidos que surgem a partir dela.

2 A utilização do espaço pelo grupo *Futuros atletas*

Conforme já observado, o espaço utilizado o qual dedicamos nossa atenção é a cidade de Araguaína – TO, considerada a segunda maior do Estado. Localiza-se entre os rios Araguaia e Tocantins e, assim, guardando proximidade com os Estados do Pará e do Maranhão. Sua importância econômica na região e os acessos rodoviário e ferroviário fazem-na ser considerada um centro regional, com destaque nos setores comercial, educacional, de saúde e de serviços.

A leitura que fazemos da utilização desse espaço parte de uma narrativa feita a partir da visão de um grupo de corredores que percorre alguns quilômetros da cidade durante uma manhã de domingo. Esse grupo, chamado *Futuros atletas*, se reúne diariamente em dois horários para percorrerem entre 5 e 10km. Pela manhã, cerca de 10 pessoas participam dos treinos, à noite por volta de 30 pessoas. Em um domingo por mês, realizam uma corrida chamada *longão*, com percurso entre 15 e 25km. O grupo *Futuros atletas* iniciou em março de 2016 com 15 pessoas, e é integrado por pessoas de idades variadas, entre 16 e 71 anos, porém, a faixa etária predominante vai dos 35 a 45 anos.

O grupo já conquistou tamanha popularidade na região por participar de corridas oficiais, como *Corrida do trabalhador* (1º de maio) e *Corrida do advogado* (13 de agosto), que já são convidados a participar de eventos como *Corrida dos bombeiros* (3 de julho) e *Meia maratona* (realizada anualmente no primeiro final de semana de dezembro),

ambas em Palmas, capital do Estado. Com a chegada do mês de outubro e com a preocupação com a saúde e melhores condições de vida, os *Futuros atletas* assumem o compromisso de alertar as mulheres para a importância do diagnóstico precoce do câncer de mama, correndo com camiseta na cor rosa pelo *Outubro rosa*, no dia 1º de outubro, no Parque Cimba.

A seguir, reproduzimos a narrativa de um *longão* a partir da leitura que o grupo faz da cidade de Araguaína, no percurso de 15km, em uma manhã de domingo:

Amanhecendo, 5h30, um grupo de corredores de rua se reúne em frente ao Quartel da Polícia Militar, área com amplo espaço físico, para iniciar mais uma corrida de 15 (quinze) km pelas ruas da cidade. Enquanto a coordenadora do grupo explica o percurso, ao lado, observamos que milhares de pessoas estão saindo de um show realizado na noite anterior, em um parque de exposições. De um lado, um grupo de vinte pessoas que acordaram cedo e se preparam para realizar uma extensa atividade física, em busca de uma vida mais saudável. Do outro lado da avenida, milhares de pessoas que ainda não foram dormir, seu domingo será de repouso, uma vez que precisarão dormir para recomeçar o novo dia. Os mesmos estão em busca de lazer, de diversão, pretendem deixar a vida mais saudável, para o futuro. Às 6h o grupo de corredores inicia sua atividade pelas ruas da cidade, logo em seguida, uma padaria é avistada, o padeiro não tem descanso, sua vida é programada rotineiramente. Enquanto a maior parte da população está curtindo o dia de repouso, o pão precisa estar “quentinho” para o café da manhã de todos. Independente da crença religiosa e dos costumes seguidos, em todas as sociedades o hábito de se alimentar bem cedo existe, seja um café com leite e pão com manteiga; seja café puro com pão de queijo; seja leite com achocolatado e bolo; seja um suco de fruta natural, todos desejam encontrar alguém que trabalhe ao amanhecer do dia de repouso.

Continuando a corrida, agora são 6h30, são vistos muitas das pessoas que saíram do show realizado na noite anterior, eles ainda não foram descansar, ficaram em uma conveniência. As lojas de conveniência são estabelecimentos comerciais que ficam abertas durante todo o período, dia e noite. Nesses estabelecimentos são comercializadas bebidas em geral. Os clientes costumam se concentrar nas portas das lojas para curtir o final das festas, shows e demais eventos iniciados nas noites. Os colaboradores das lojas de conveniência passarão o domingo trabalhando, sem repouso, afinal, quando os clientes estão de folga, o movimento aumenta nos fornecedores de bebidas.

6h45. Cinco quilômetros percorridos. Em um cruzamento de duas avenidas bem movimentadas, um acidente acaba de acontecer. Um casal de motociclistas avança o sinal fechado e é surpreendido por um veículo em movimento. Logo policiais e serviços de ambulância chegam ao local para atender as vítimas. Eles também não podem ter folga, pois, quando chegam os domingos e feriados, os acidentes acontecem com mais frequência.

7h, quase metade do percurso foi cumprido. Os corredores continuam observando os espaços a sua frente. Próximo a uma igreja Católica, centenas de fiéis chegam para uma celebração religiosa semanal. As missas têm horário para iniciar e terminar. Os católicos vão logo cedo para cumprirem a exigência da religião.

Terminando a missa, todos retornam às atividades em família. Quando termina a missa dos católicos, os fiéis evangélicos começam a chegar a suas igrejas. Os cultos evangélicos são mais longos, chegam a ocupar toda a manhã.

Já estamos correndo há uma hora e meia. Estamos quase concluindo os quinze quilômetros programados. Chegamos na rodovia BR 153, rodovia federal que atravessa o país de Norte a Sul, liga Belém-PA à Brasília – DF, e continua até São Paulo – SP. Passamos por um posto de abastecimento de combustíveis que fica aberto ininterruptamente. Neste horário, os funcionários estão se revezando, enquanto uns estão saindo para descansar, outros estão começando sua jornada de trabalho, afinal, os caminhoneiros não podem parar, para eles não existe dia de folga. “Sem caminhão, o Brasil para!”.

8h, chegamos ao final de nossa corrida. Novamente aguardamos todos na concentração inicial, tomamos um lanche para repor as energias. Observamos ainda que, próximo ao nosso ponto de apoio, um supermercado abre suas portas. Apesar de ser domingo, os funcionários precisam registrar seu ponto normalmente.

Conforme pode ser observado na narrativa, ela se constitui de 7 parágrafos, cada um possui determinado horário, local e acontecimento que o caracteriza. Para a análise dessa narrativa, na seção a seguir, identificaremos em um quadro seus *actantes*, atividades praticadas, etc., bem como 7 diferentes momentos da narrativa que caracterizam esse *longão* como um evento único. Cumpre-nos, no entanto, destacar que

A cidade nasce na cansativa instituição e na manutenção histórica e identitária de tal relação. Ela não é a somatória de duas entidades autônomas, mas a forma relacional de seu recíproco constituir-se. Não existem espaços autônomos e sujeitos independentes que, em segunda instância, se reúnem mais ou menos casualmente em um determinado ambiente ou situação. Eles se realizam como sujeitos espaciais que, desde o início, se reúnem internamente nos seus corpos e lugares, traduzindo-os uns nos outros e produzindo assim novas formas de subjetividade (MARRONE, 2015, p. 29).

Desse modo, tratamos dos sujeitos *actantes* descritos em cada momento do *longão* como *sujeitos espaciais*.

3 Os sujeitos espaciais e suas práticas em Araguaína

Na semiótica do espaço, tudo o que compõe o referido espaço pode ser considerado na perspectiva de uma alteridade com a qual o sujeito sensível e cognoscível entra em relação. Uma cidade, por exemplo, é composta por suas calçadas, ruas, avenidas, estradas, pontes, assim como por suas casas, prédios, igrejas, escolas, hospitais, delegacias, mas, também, por pessoas, bicicletas, carros, motos, ônibus, ambulâncias, etc., marcando o contraponto entre estaticidade e movimento, estabilidade e instabilidade,

previsibilidade e risco, a produzirem distintamente no sujeito do sentir relações eufóricas ou disfóricas. Estas correspondem, respectivamente, a uma valorização positiva ou negativa por parte do sujeito a partir das percepções inscritas no corpo (Cf. GREIMAS e COURTÉS, 2008, p. 505). Para Marrone, a cidade se apresenta como uma substância, que se preenche de formas reconhecíveis pelos sujeitos pelo modo como dialogam e transitam pelo espaço, costurando “retalhos de identidades”:

De um lado estaria, então, o espaço, natural e construído, condição de possibilidades do ambiente urbano como forma ideal abstrata; de outro se situariam, ao contrário, as pessoas, sujeitos individuais e coletivos que, em determinado espaço, se encontram posicionados de diversas formas, constituindo sua substância social. O todo no interior de uma história e de uma memória que atenua as forças entrópicas do tempo, consolidando homens e coisas, construindo e mantendo retalhos de identidades (MARRONE, 2015, p. 29).

Dessa forma, se cada um desses componentes de uma cidade, seja ela do interior ou uma metrópole, pode ser tomado como alteridade, nessa perspectiva, como *actante* com o qual o sujeito entra em relação. Tratam-se de “sujeitos espaciais”,

Deve ser recordado então que – à diferença da sociologia, antropologia, psicologia, etc. – os sujeitos dos quais fala a teoria da significação são entidades abstratas e formais, posições sintáticas de corte narrativo que, à semelhança de seus parentes frásticos (os da análise lógica, para que entendamos), têm um papel muito preciso – desenvolver ou sofrer uma ação, experimentar uma paixão ou provocá-la a outros – de encontro a posições sintáticas concomitantes (objetos, antissujeitos, destinadores, etc.) dentro de um plano de ação pré-constituído e sobre o panorama de um mecanismo estrutural geral de transformação. A subjetividade se constitui dentro de um programa narrativo, no quadro de certa projetualidade que, almejando um objetivo, faz sim com que entre o início e o fim de cada história haja um resíduo, uma diferença, talvez uma reviravolta, seguramente uma transformação. No fim das contas, ninguém é mais o mesmo (MARRONE, 2015, p. 29).

Na narrativa do *longão*, o enunciador⁶ faz uma série de categorizações, identificando sujeitos coletivos, como os próprios corredores. Esses actantes são então organizados em grupos pelo enunciador (Tabela 1) em função da especificidade de seu movimento na manhã de domingo ou de suas funções profissionais ou culturais (como a prática religiosa), a partir de aspectos salientes para esse espectador acelerado. Estão

⁶ O enunciador é o “destinador implícito da enunciação”, pressupondo um enunciatário, destinatário inscrito no enunciado e que, na qualidade de leitor, produtor do sentido, atua também como um “produtor do discurso” (GREIMAS e COURTÉS, 2008, p. 171). Podemos pensar a oposição enunciador/enunciatário em termos de autor/leitor como atores inscritos no texto.

relacionados assim, na interação social em uma manhã de domingo em Araguaína, pessoas e lugares que reúnem diferentes crenças, hábitos e práticas, que, conforme Marrone (2015), constroem e mantêm sua identidade, compondo o todo de uma cidade.

A partir das categorizações do enunciador, organizamos o seguinte quadro:

Tabela 1:

Ocupação do espaço sob a perspectiva do enunciador-corredor				
Grupos sociais	Práticas	Lugares ocupados	Crenças/hábitos	Sub grupo
Corredores	Corrida/atividade física	Vias	Prática esportiva	1A
Baladeiros	Balada/ lazer	Parque de exposição/Conveniência	Diversão	
Católicos/ evangélicos	Prática religiosa	Igrejas	Fé	
Motociclistas/ automobilista	Transitar	Vias	Ir e vir	
Padeiros	Trabalho	Padaria	Sustento/serviços de alimentação	1B
Funcionários	Trabalho	Conveniência/Posto de gasolina/Supermercado	Sustento/serviços de alimentação	
Policiais/ socorristas	Trabalho	Vias/Delegacia/Hospital	Segurança e resgate	
Caminhoneiros	Trabalho	Vias/Posto de gasolina	Sustento/serviços de transporte	
Demais pessoas	Descanso	Suas casas	Dia de folga	2

Fonte: autores

Em uma cidade, muitos são seus sujeitos, inúmeros são seus lugares e práticas, bem como incontáveis são as crenças e hábitos que os caracterizam e os ‘definem’. Conforme a tabela 1, presente acima, podemos identificar como o olhar do enunciador seleciona e categoriza os *actantes* que compõem a cena de uma manhã de domingo araguaíense, os lugares ocupados/atravessados por eles e como se dá tal ocupação/movimento. Tais observações cobrem o percurso de 15km, no período das 6h45min às 8h de uma manhã de domingo, o que se traduz no modo superficial do registro e na aceleração da narrativa, tendo em vista a sucessão de imagens e sujeitos que se sucedem a cada parágrafo. A cidade é então percebida pela dimensão da multiplicidade de atores humanos, mais do que pela paisagem das edificações ou elementos da natureza.

O que sobressai ao enunciador é o encontro com o outro a partir de elementos estereotipados, registrando os sujeitos que circulam em outro ritmo, seja pela maior lentidão, seja pela pressa que produz o acidente com as motos. O enunciador quer sorver tudo, mas precisa recortar para dar sentido ao tecido da cidade. Recortando, também define sanções, julgamentos a partir de seus valores, como vemos no recorte correspondente às 7h:

[...] Próximo a uma igreja Católica, centenas de fiéis chegam para uma celebração religiosa semanal. As missas têm horário para iniciar e terminar. Os católicos vão logo cedo para cumprirem a exigência da religião. Terminando a missa, todos retornam às atividades em família. Quando termina a missa dos católicos, os fiéis evangélicos começam a chegar a suas igrejas. Os cultos evangélicos são mais longos, chegam a ocupar toda a manhã.

Os verbos no presente (chegam, têm, vão, retornam, são) remetem à concomitância entre o momento da enunciação (o da produção do enunciado) e o tempo narrado. O horário marcado no início do parágrafo serve para ancorar o dizer no tempo crônico, ainda que não se tenha elementos para precisar em que domingo se deu tal relato. Na primeira frase, o verbo “chegam” remete ao encontro entre enunciador/corredor e fiéis, mas pela diferença de ritmos e interesses, essa conjunção entre os sujeitos é passageira e não dura. As frases seguintes trazem, então, considerações que escapam à ordem da percepção da conjunção pontual e se inscrevem na ordem da memória do sujeito e seus valores e saberes anteriores – “os cultos evangélicos são mais longos, chegam a ocupar toda a manhã” – ou a estereótipos culturais – “todos retornam às atividades em família”. A percepção se atravessa assim por um quase não ver, quase não sentir, mas em qualificar o outro perante um já sabido, apressado como deve ser para aquele que vê o outro sob o ritmo da pressa, imposto pelo próprio movimento da corrida.

O que é saliente para esse enunciador? Como não pode ver tudo no tecido da cidade e então age no sentido de recortar, e isso o faz pela memória – já que, apesar da eleição do tempo presente, a narrativa pressupõe um já acontecido –, o enunciador elege pontos salientes do percurso, que de algum modo instauram a dimensão do “acidental”.

Com o quadro, sistematizamos os recortes elaborados pelo enunciador frente aos diferentes grupos sociais que o compõem a existência de 3 grandes grupos: 1A, 1B e 2. No grupo 1A reunimos os corredores, os baladeiros⁷, os religiosos (católicos, evangélicos)

⁷ O neologismo corresponde aos sujeitos que frequentam baladas noturnas, encontros sociais geralmente associados à música.

e os motociclistas e automobilistas – pessoas que optaram por ocupar lugares públicos da cidade para realizar suas práticas características de uma manhã de domingo invés de ficar em casa para descansar. Esse pode ser caracterizado como um grupo ativo.

Também é considerado ativo o grupo 1B, composto pelos profissionais que trabalham em Araguaína nos momentos descritos: padeiro, funcionários (da conveniência, do posto de gasolina, do supermercado), policiais e socorristas e caminhoneiros. No entanto, este grupo se diferencia do 1A por não ter a opção de descanso no domingo. Ao contrário, têm o dever de trabalhar em um momento que a grande maioria das pessoas descansa ou pratica suas atividades recreativas, justamente para que seu descanso seja pleno, oferecendo-lhes alimento, saúde e segurança. Por último, apontamos um grande grupo que não está presente na cena ao longo dos 15km percorridos, mas que são lembradas ao longo da narrativa e compõem toda e qualquer cidade, o grupo 2. Essas pessoas optam pelo descanso do lar, caracterizando-se, nesse momento, pela passividade, oposta, portanto, à realização de suas atividades e obrigações durante os dias de semana.

Voltemos, no entanto, à narrativa do *longão*. Este que já recebeu um nome dada à frequência mensal que ocorre e às características do percurso, duração, objetivo, etc., é um evento *programado*, de modo que seus participantes sabem como atuar para sua realização (como usar tênis e roupas confortáveis para a corrida, protetor solar, beber água para hidratação e alimentação leve antes de iniciar o percurso). Podemos identificar como *programador(a)* do evento a coordenadora do grupo, que no primeiro momento da narrativa (às 5h30, em frente à Polícia Militar) explica como será vencido o percurso.

Assim, ao grupo é previsível como ocorrerá o *longão*. No entanto, ele acontece em um espaço tomado por outros *actantes* em outras práticas e com outros objetivos. Nesse sentido, o “grupo de vinte pessoas que acordaram cedo e se prepararam para realizar uma extensa atividade física” se depara com “milhares de pessoas [que] estão saindo de um show realizado na noite anterior, em um parque de exposições”. Identificamos tal (des)encontro como um *acidente*, pois irrompe em meio à programação dos Futuros atletas, que, focados em hábitos de vida saudáveis se confrontam com um grupo de pessoas que aproveitarão o domingo para dormir e repor as energias gastas com a diversão. A partir de tal confronto, os corredores reconhecem tal grupo como aqueles que “pretendem deixar a vida mais saudável para o futuro”, sancionando-os, pois, negativamente. O olhar que narra é, assim, também um olhar que interpreta e julga e a cidade aparece constituída sob o regime da rede (LANDOWSKI, 2015).

No segundo momento da narrativa (às 6h o grupo de corretores inicia sua atividade) o enunciador seleciona um lugar específico: “uma padaria”. Nessa parte da narrativa, o enunciador reconhece um hábito comum tanto aos que praticam atividades como àqueles que repousam em suas casas no domingo, tomar café da manhã. Dessa forma, o padeiro realiza papel fundamental para atender à necessidade dos cidadãos araguanense, ele trabalha, mesmo no domingo, e oferece o pão fresquinho parra seu café.

O terceiro momento (Continuando a corrida, agora são 6h30) é marcado pelo *acidente*, que representa o (re)encontro com algumas das pessoas saídas do show da noite anterior, pois “eles ainda não foram descansar, ficaram em uma conveniência” e com outros trabalhadores no domingo. Os corretores já não se deparam apenas com os baladeiros ou com os trabalhadores, mas com ambos, e reconhecem que embora muitos dos que saíram das festas já se recolheram para suas casas, esses “clientes costumam se concentrar nas portas das lojas [de conveniência] para curtir o final das festas, shows e demais eventos iniciados nas noites”. Por outro lado, diferente do padeiro, que provavelmente trabalhará apenas na manhã desse dia, “os colaboradores das lojas de conveniência passarão o domingo trabalhando, sem repouso, afinal, quando os clientes estão de folga, o movimento aumenta”.

O quarto momento narrado (6h45. Cinco quilômetros percorridos) registra um *acidente* que configura tanto mais uma ruptura com o *programado* para o *longão* quanto um acidente propriamente dito: “Em um cruzamento de duas avenidas bem movimentadas, um acidente acaba de acontecer. Um casal de motociclistas avança o sinal fechado e é surpreendido por um veículo em movimento”. Esse (des)encontro representa algo inesperado, ainda que bastante comum nas vias da cidade, mesmo aos finais de semana, quando o fluxo é menor, pois “quando chegam os domingos e feriados, os acidentes acontecem com mais frequência”. Nele, novos *actantes* da cidade surgem, de um lado os usuários das vias de tráfego (motociclistas e automobilista), de outro, os profissionais que zelam pela segurança e pela saúde dos cidadãos (policiais e socorristas). Nesse encontro se deparam corretores e motociclistas e automobilista, cada qual em sua atividade de domingo com os profissionais que trabalham, provavelmente de plantão, não no comércio, mas para garantir direitos especiais a todos, saúde e segurança.

O quinto momento da narrativa (7h, quase metade do percurso) é marcado pelo (des)encontro com fiéis “Próximo a uma igreja Católica”, de modo que estes tomam parte de seu tempo para se dedicar a sua fé e ao cuidado espiritual, metafísico, preocupados com algo que transcende suas vidas. Sejam eles fiéis católicos cujas “missas têm horário

para iniciar e terminar”, que “vão logo cedo para cumprirem a exigência da religião. Terminado a missa, todos retornam às atividades em família”, sejam os fiéis evangélicos, cujos “cultos evangélicos são mais longos, chegam a ocupar toda a manhã”. Finalizadas suas atividades religiosas, retornam para o descanso de domingo, como a grande parte das pessoas. Esses *actantes* atuam, assim, diferente dos corredores que têm um cuidado com o físico, com a saúde, com um aqui e agora com mais qualidade de vida, por sua vez, opostos aos baladeiros, que, tomando como propósito a diversão, como referido no primeiro momento da narrativa, “pretendem deixar a vida mais saudável para o futuro”.

O sexto momento (correndo há uma hora e meia) marca o (re)encontro com trabalhadores que prestam serviço, desta vez, num posto de gasolina na “BR 153, rodovia federal que atravessa o país de Norte a Sul, liga Belém – PA à Brasília – DF, e continua até São Paulo – SP”. Esses funcionários, tal como os da conveniência descrita no terceiro momento da narrativa, trabalham o dia todo, mesmo no domingo. O posto “fica aberto ininterruptamente. Nesse horário, os funcionários estão se revezando, enquanto uns estão saindo para descansar, outros estão começando sua jornada de trabalho”. Além dos demais serviços previstos para um posto de combustíveis, eles atendem outro trabalhador que não tem descanso: “os caminhoneiros não podem parar, para eles não existe dia de folga. ‘Sem caminhão, o Brasil para!’⁸”. O *acidente* que aqui ocorre é marcado pela oposição pelo trabalho ininterrupto dos funcionários do posto e dos caminhoneiros com os corredores, que aproveitam seu dia que seria de folga para realizar uma atividade física.

O sétimo e último momento da narrativa (8h, chegamos ao final de nossa corrida) descreve o último acidente do percurso, o (re)encontro com trabalhadores do comércio local: “tomamos um lanche para repor as energias. Observamos ainda que, próximo ao nosso ponto de apoio, um supermercado abre suas portas”. Nesse momento em que os corredores concluem suas atividades, ainda cedo para uma manhã de domingo, funcionários de um supermercado recém iniciam seu dia de trabalho. A diferença da realidade dos dois grupos é expressa na constatação: “Apesar de ser domingo, os funcionários precisam registrar seu ponto normalmente”.

De modo que o domingo, em Araguaína, como em outra cidade do país, pode ser um dia de descanso, de lazer, de práticas de esporte, de diversão ou um dia de trabalho.

⁸ “Sem caminhão o Brasil para” - Frase adotada pelos motoristas de caminhões que viajam pelo país transportando todo tipo de cargas. Como têm prazos rigorosos para cumprir, eles precisam dirigir diariamente, às vezes até no período noturno, sem nenhum descanso, correndo riscos de sofrer graves acidentes.

No caso dos caminhoneiros, dos funcionários da conveniência e do posto de combustíveis, domingo é um dia de trabalho como outro qualquer, porém, para outros profissionais esse dia pode ser inclusive até mais atribulado. Alguns profissionais, como os *actantes* do quarto momento da narrativa, os policiais e socorristas, nos finais de semana e feriados veem o número de ocorrência e seu trabalho se multiplicarem.

Considerações finais

A análise da narrativa dos *Futuros atletas* se orienta para o modo como um olhar acelerado, aquele do corredor de domingo, categoriza três grandes grupos de pessoas na cidade de Araguaína – TO: **1A)** aqueles que praticam atividades variadas de lazer (diversão, atividade física, etc.); **1B)** aqueles que praticam atividades laborais (policiais, socorristas, caminhoneiros, atendentes, etc.) e **2)** aqueles que descansam em suas casas. Considerando-se os corredores como sujeitos *actantes* que veem os demais sujeitos atuarem nesse lugar, temos que

com a condição de relativizar meu “ser”, isto é, de descobrir o ser do outro, ou sua presença, ou de me descobrir eu mesmo como parcialmente outro, eu faço nascer o tempo-espço, como suporte de diferenças posicionais entre mim mesmo e meus semelhantes, como efeito de sentido induzido pela distância que percebo ente meu aqui-agora e todo o resto – lugares distantes, tempos distintos -, ou ainda como resultante da relação que me liga, eu sujeito, a um mundo objeto cujas formas discretas, à medida que as recorto, me revelam a mim mesmo (LANDOWSKI, 2012, p. 68).

Esse movimento os leva à comparação entre sua forma de ocupação desse espaço frente aos demais grupos, e esses entre si. Assim sendo, uma análise semiótica desses (des)encontros entre os *actantes* de Araguaína contribui para que tais sujeitos se conheçam e se compreendam melhor. Se por um lado o trabalho caracteriza uma obrigação e uma necessidade para o cidadão, lazer corresponde ao tempo de folga, de passatempo, de ócio, de descanso, distração ou entretenimento, ou seja, significa uma pessoa se permitir a realização de algo por iniciativa própria. Entretanto, o dicionário⁹ nos informa que lazer é uma atividade que se pratica no tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações. É um tempo destinado ao exercício de atividades prazerosas.

Na narrativa, contudo, o olhar que se apresenta é ainda pragmático, sem dar vazão

⁹ Priberam. Dicionário (on-line). Disponível em: < <https://www.priberam.pt/dlpo/lazer>>. Acesso: 05 de out. 2017.

aos sentidos do afeto. A cidade é a mesma para os que trabalham durante a semana e correm no domingo e, talvez por isso, o texto não deixe emergir além da dimensão mais referencial das coisas, já conhecidas de antemão.

A aceleração do texto não permite também evidenciar os sentidos sobre o corpo mesmo, esse que se cansa e precisa ultrapassar seu limites para chegar ao fim do que fora previamente acordado junto ao destinador. O enunciado cumpre a função de uma espécie de relatório, cronometrado, registrando distâncias percorridas sob um dado tempo, importante para guardar a memória das conquistas do corpo sobre a velocidade.

Mesmo sob a ótica da programação e da manipulação, o olhar busca saliências, encontra acidentes e denuncia seu prazer de estar ali, no movimento partilhado com parceiros na manhã de domingo. Na cidade em que tudo pode ser pressa, talvez esse grupo corra na contramão, porque não se orienta para a produção do trabalho, mas para o encontro com o outro, com a redescoberta dos sentidos da cidade que mal acorda na manhã de domingo.

Referências

- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- GENINASCA, J. O olhar estético. In: OLIVEIRA, A. C. (Org.) *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker/CPS, 2004, p. 29 – 55.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- HAMMAD, M. O espaço do seminário. *EntreLetras* [online], v.7, n. 2, 2016.
- LANDOWSKI, E. Regimes de espaço. Trad. Luiza Silva. São Paulo, *Galaxia*, n. 29, p. 10-27, jun. 2015.
- _____. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. São Paulo, *Galaxia*, n. 27, p. 10-20, jun. 2014.
- _____. *Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MARRONE, G. *Semiótica da cidade: corpos, espaços, tecnologias*. Galáxia (São Paulo, Online), n. 29, p. 28-43, jun. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015122803>>. Acesso: 28 de set. 2017.
- SILVA, L. H. O., SILVA, E. *Semiótica do espaço: dos pressupostos gerais à reflexão sobre o lugar Araguaína (TO) na tensão espaço público versus espaço privado*. Mimeo, 2017.

Artigo recebido em: 19/09/18
Artigo aceito em: 20/10/18